

JOVENS NARRADORES EM UMA ESCOLA PÚBLICA DO RIO DAS PEDRAS: REPRESENTAÇÕES DO PRESENTE E FUTUROS POSSÍVEIS

Vanessa de Andrade Lira dos Santos

Universidade do Estado do Rio de Janeiro
vanessalirartes@gmail.com

Resumo: A presente reflexão parte de uma investigação de campo, em uma escola pública de ensino médio da comunidade do Rio das Pedras, região localizada na zona oeste da cidade do Rio de Janeiro. Utilizamos a experiência das rodas de conversa como viabilizadora de encontros significativos em sala de aula. Usando parte dos tempos das aulas de Artes, e assumindo o consequente distanciamento dos conteúdos elencados como relevantes para esta disciplina, buscamos uma aproximação efetiva e afetiva dos modos de pensar e dizer dos jovens alunos do ensino médio, suas formas de pensar o presente e projetar futuros possíveis.

Palavras-chave: Juventude, escola, narrativas juvenis, sentidos de futuro.

A presente reflexão parte de uma investigação de campo, em uma escola pública de ensino médio da comunidade do Rio das Pedras, região localizada na zona oeste da cidade do Rio de Janeiro. Utilizamos a experiência das rodas de conversa como viabilizadora de encontros significativos em sala de aula. Usando parte dos tempos das aulas de Artes, e assumindo o consequente distanciamento dos conteúdos elencados como relevantes para esta disciplina, buscamos uma aproximação efetiva e afetiva dos modos de pensar e dizer dos jovens alunos do ensino médio, suas formas de lidar com o presente e projetar futuros possíveis.

Iniciamos nossa empreitada com a fala de João¹, que diante da primeira questão colocada na roda, definida como “sentidos de futuro”, expõe uma breve conversa que teve com sua mãe:

Dia desses minha mãe veio com a pergunta: O que você vai ser mais pra frente? Eu respondi que não sabia, porque não sei mesmo. E fiquei esperando um comentário que não veio. Ela não falou nada. Aí eu abusado perguntei: E você, planejou alguma coisa na sua vida? Ela disse que não, que foi deixando a vida correr.

Alguns jovens relataram as cobranças que andam ouvindo em casa, outros afirmaram ainda não terem ouvido da família a temida pergunta “o que você vai ser quando crescer?”. É um misto curioso, enquanto alguns se queixam do que tentam impor como seus possíveis futuros, outros demonstram certa frustração por ainda não terem a chance de responder ao

¹ Usaremos, ao longo do trabalho, nomes fictícios para identificar as narrativas.

fatídico questionamento.

O relato do aluno ilustra essa frustração de quem ironiza a pergunta recebida ao mesmo tempo em que espera um comentário mais motivador do que o devolvido. E é nesse limiar que nos encontramos: de um lado perguntas por vezes vazias de sentido e do outro a ausência desconfortável delas. O que podemos supor diante disso é que a complexidade do tema implica uma postura de envolvimento com a realidade dos jovens. Mais do que o silêncio cortante ou a pergunta impositiva, o jovem demanda um entendimento de futuro em construção. Pais norteia a continuidade dessa reflexão:

Nos mapas de orientação que os jovens carregam nos bolsos do pensamento temos os caminhos previstos: “acabas o ensino secundário, vais para a faculdade” ou “com o canudo arranja um emprego e podes casar”. Mas os percursos são descoincidentes com os itinerários propostos nesses mapas de orientação. E surgem os desnortes (PAIS, 2016, p.87).

Não temos dúvidas de que os percursos dos pais e dos avós desses jovens seguiram fluxos diferentes dos que presenciamos na atualidade, estamos lidando com outro tempo e com outras formas de enfrentar desafios. A lógica de algumas décadas atrás voltava-se para necessidades ligadas a um processo de modernização que referendava outros objetivos. Provavelmente muitos familiares desses jovens, até por conta da origem humilde da maioria deles, cresceram seguindo a lógica que lhes foi passada por herança: estudar até onde for possível, trabalhar e constituir uma família.

Sabemos que uma estruturação simplista não define necessariamente os anseios de todas as famílias citadas na roda, mas diante das falas dos jovens é possível identificar uma constante provavelmente associada não apenas aos futuros possíveis apresentados a eles ao longo de seu processo de desenvolvimento, mas relacionada ao lugar dessas famílias nas estruturas sociais do seu tempo. Então, esse mapa herdado pode parecer um tanto gasto e amarelado para os jovens da atualidade. Por sua vez, a ausência de qualquer mapa também deixa uma lacuna difícil de preencher.

Se os percursos atuais não coincidem com os itinerários propostos, nos cabe pensar sobre até que ponto as demandas por vias planejadas afetam ou não os jovens que encontramos na escola. E é através das falas deles que constatamos esse embate, não só de sonhos de gerações diferentes, mas de projetos considerados viáveis a partir desse encontro, como bem nos relata a jovem Alexia:

É assim que eu me encontro.
Meus pais tentando me afastar

cada vez mais do meu sonho de cursar uma faculdade de medicina por acharem que é difícil demais. Também tentam colocar na minha cabeça que diversão um dia acaba, como se eu não soubesse disso. Não deixo de ser responsável ou de querer algo na minha vida por simplesmente me divertir, são coisas extremamente opostas.

O encontro do plano do jovem com o seu desejo de viver parece impraticável para muitos pais. Na mesma medida, o projeto menos ambicioso dos pais não parece caber na imagem de futuro projetada pelo jovem. Sim, porque apesar das tantas mudanças e avanços ocorridos nos últimos tempos, muitos jovens ainda projetam sonhos, mas nem sempre essa projeção é diretamente proporcional aos caminhos múltiplos que tendem a trilhar.

Na nossa roda a fórmula “terminar os estudos, trabalhar e ter uma família” foi repetida inúmeras vezes, mas as estratégias de viver e experimentar vinham estilhaçadas na mesma proporção, como se presenciássemos uma mistura desencaixada entre sonhos comprados e a vida de fato vivida. E é nesse compasso que Pais nos serve com uma pista:

Os quotidianos juvenis rodopiam entre tempos monocromáticos e tempos policromáticos. Os primeiros são de natureza institucional (escolar, profissional, familiar) e privilegiam os horários, a segmentação, a pontualidade; os segundos são de natureza sociabilística e enfatizam a aleatoriedade, os sentimentos, a experimentação, a convivialidade.” (PAIS, 2016, p.77).

A natureza própria do tempo, dimensão que permeia tudo que é vida, contém uma infinidade de “cores”. Relativiza-se nas experimentações reais porque se liga diretamente as formas de presenciar, pensar e sentir os acontecimentos. Seu ordenamento monocromático é uma invenção humana, e a invenção das instituições que organizam a vida humana surgiu como consequência de suas trajetórias na exploração das possibilidades do mundo. Dito isto, é possível vislumbrar um certo ‘retorno’ por parte dos jovens à dimensão de convivialidade das relações mais básicas prescritas na natureza de ser gente. Esse desvio do percurso lógico inventado pelo homem não é coisa da contemporaneidade, é condição parte do que somos.

Os jovens se deparam com as demandas que tendem a organizar as suas vidas ao mesmo tempo em que provam as dúvidas advindas da multiplicidade não só de percursos, mas também no nível da orientação da “flecha do tempo”, como trata Pais: “Se o tempo segue as rotas de uma linha contínua (a flecha do tempo), basta medir a sua orientação para que conheçamos a sua trajetória. Mas o futuro dos jovens parece esgueirar-se da flecha do tempo” (2016, p.82).

Muitos jovens, a despeito das exigências de

seguir a lógica sequencial dos roteiros que lhes são apresentados, se veem amarrados no tempo presente, já que ainda procuram um sentido próprio do que são nesse tempo, como relata o jovem João Vítor:

Hoje em dia acho que parte dos jovens se questiona bastante sobre o porquê de ter que fazer algo que as vezes não faz sentido, as vezes até nos perguntamos porque somos de tal maneira ou porque não queremos ser daquela forma.

E é a incerteza de futuro misturada com um entendimento, ainda que frágil, sobre o sentido de “deixar a vida me dar ideias”, que tende a surgir através dos relatos dos jovens, como confirma Taiene:

A minha juventude de agora é mais ou menos voltada para o presente, com algumas lembranças do passado, que me influenciam muito, porém, não me impedem de seguir em frente. A única coisa que me traz muita preocupação é o fato de não saber o que quero fazer no futuro, às vezes penso nisso e não vem na cabeça o que eu gosto, só o que posso fazer agora é deixar a vida me dar ideias pro futuro.

Segundo Pais, “entre os jovens, os tempos do presente - que são os do cotidiano - ganham ascendência sobre os tempos que lhe são adjacentes, os do passado e do futuro”. Essa ascendência pode se dar à compreensão de futuro como esfera não tão previsível como se acreditava em outras épocas, mas também pode sofrer forte influência de um novo olhar sobre os recursos disponíveis no presente. Seria uma espécie de ‘estreitamento’ do tempo, em um desejo de tocá-lo através das experimentações do cotidiano. Como supõe Leccardi, a incerteza passa a ser encarada como um dado não eliminável na vida desses jovens.

O aspecto inovador dessa nova construção biográfica- em cujo próprio centro está a tensão de um “futuro sem projeto” - é a capacidade de aceitar a fragmentação e a incerteza do ambiente como um dado não eliminável, que deve ser transformado em recursos graças a um exercício de consciência e reflexividade (LECCARDI, 2005, P.51).

Aos jovens das classes populares cabe a intensificação dessa ideia de fragmentação e incerteza que já é própria das experiências de ser jovem e de viver na contemporaneidade. Os aspectos de suas vidas reais se unem à condição de sujeitos em processo de busca por sentidos de futuro, embaçando ainda mais as perspectivas do que poder vir. Cristina evidencia esse percurso atropelado pelas demandas da sua realidade:

Sempre tive uma vontade de

fazer cursos, mas nunca dá, pois quando não é pra ficar com a minha irmã eu tenho que fazer algo pra dentro de casa, sempre tudo para nas minhas costas e assim nunca consigo fazer o que quero ou tenho vontade.

Davi, após o relato da colega, acrescenta: “Me sinto um jovem rejeitado, que as vezes tenta ser bom demais e fracassa. Não sei o que responder nem pensar. Tenho medo de fracassar no futuro”. E Lucas emenda: “O amanhã será consequência do hoje, por isso não planejo muita coisa, acho melhor agir do que pensar. Mas daqui a dez anos espero que não esteja só”. Como Pais nos aponta:

Os projetos de vida que os jovens idealizam abrem portas, por vezes, a um vazio temporal de enchimento adiado. Projetos em descoincidência com trajetos de vida. Em contrapartida, o presente enche-se de possibilidades múltiplas e reversíveis, embora nem sempre possíveis.” (PAIS, 2016, p.9)

A "flecha do tempo" (Pais, 2016) ordena presente, passado e futuro de forma linear, na mesma medida em que aponta a trajetória a serem seguida. Nessa perspectiva, da vida que sempre segue pra frente, exigindo algum grau de evolução dos sujeitos envolvidos, sabemos que o retorno concreto aos acontecimentos que já foram não é viável. Por sua vez, a projeção em direção ao futuro nada mais é do que sombras embaçadas das luzes que projetamos de maneira idealista. No entanto, ao relativizar o tempo mensurável, mergulhando nos tempos variáveis da nossa imaginação, é possível experimentar sensações e sentimentos através da memória ou da criação de experiências que circulam por entre as brechas do tempo instituído.

A experiência está sempre fincada no presente, porque ela exige um suporte para existir. Mas as variações dos tempos internos e externos permitem vivenciar o real de formas diferentes do que se dá como posto. É possível pensar e criar futuros imaginários, revisitar acontecimentos passados através da memória e até mesmo misturar essas vias internamente. Mas o próprio fenômeno de imaginar acontece no agora, mesmo que carregue a presença interna para outras direções.

Jogando com a ideia de presença, física e interna, e após nossa roda de conversa sobre os sentidos de futuro, uma proposta despretensiosa foi lançada: escrever um breve recado para 'o você do futuro'. No primeiro momento houve um nó no entendimento dos jovens. Uns buscando tempos verbais para clarear a empreitada, outros relatando a grande dificuldade de se deslocar de forma imaginária enquanto se viam agarrados às horas daquele dia. Entre idas e vindas, nas tentativas de inventar uma imagem de si mesmo no futuro, muitos jovens religaram-se ao passado, numa espécie de varredura

que tentava passar à limpo vivências instaladas em outros tempos.

A memória é acionada e carregada de dúvidas sobre as formas como de fato aconteceram os eventos. Um aluno, após comentar sobre um caso ocorrido no passado, finalizou o relato declarando um “é assim que me lembro!”. A lembrança também não pode ocorrer sem um deslocamento do que se é hoje, sendo assim, cada um lembra numa mistura de pedaços de sensações passadas com as ferramentas que a interpretação de hoje pode lançar mão. Não é possível se deslocar para os tempos de infância com um olhar puramente infantil, porque o tempo que passa contamina as formas de ver o mundo. Mas ao acessar essas memórias, acessa-se também sentimentos de outro tempo, que dimensionam o sentir do presente. Transcreveremos a seguir alguns recados produzidos pelos jovens para as suas representações de futuro.

Então, acho que você deve estar com vários problemas como contas, família e amigos para ajudar. E ainda você mesmo com seus problemas internos, mas a questão é, você está feliz? Veja e reveja sobre mim para não cometer erros graves como eu.

Caramba, Tânia! O que você fez da sua vida? Você gostava tanto de sair, beber, curtir, e hoje tá aí, cheia de filhos, presa em um relacionamento... Profissionalmente sua vida tá como? Devia ter feito a bendita faculdade de medicina, mas não, preferiu ser mãe muito nova. Hoje tá aí, mas tudo bem, você se saiu muito bem como mãe e dona de casa, tenho orgulho do que você é hoje, mesmo achando que poderia ter sido tudo muito melhor.

Lembra de quando você era adolescente e te taxavam de “esquentadinho”, isso porque você retrucava toda vez que era calado em uma posição desconfortável? Dizem por aí que não podemos ensinar novos truques para cachorros velhos, mas a gente nunca leva isso a sério! Então estou aqui pra te ensinar uma coisa: você precisa aprender a se amar!

Coé mano, suave? Pô, tenho uma coisa pra te falar. Não faz essas coisas de só ficar em festinhas, só querer curtir a vida, pensa no futuro, você acabou estragando sua vida não pensando pra frente.

Qual foi! Lembra daquela festa 10 anos atrás, lembra que tudo tava ocorrendo bem antes da festa? Pois é, se você não tivesse ido para festa talvez hoje você estaria em casa, no Ceará, com seus amigos. Poxa, aquela briga na saída ferrou com sua vida. Se você tivesse voltado pra casa com sua namorada não teria que trombar com os traficantes espancando seu irmão, talvez eles tivessem matado seu irmão, isso não aconteceu graças a você, que teve que comprar uma briga que não era sua.”

Oi! Quem lhe escreve é o seu eu do passado. Como o tempo passou, não é mesmo? Aqui no passado as coisas andam complicadas, Sabe como é, tempos difíceis, escola, trabalho, estudos pro enem...”

Luisa, você está com seus 38

(83) 3322.3222

contato@ceduce.com.br

www.ceduce.com.br

anos, eu peço para que você não vire amarga, não esqueça sua juventude. Eu espero que você esteja feliz. Diminua na cachaça, você está velha, não tem a mesma saúde de antigamente. Não case com um cara chato que te prive das coisas, te agrida ou queira mandar em você, não esqueça que você é uma mulher livre! Nada de filhos, por favor!

A relação entre causa e efeito, que parece tão óbvia quando lidamos com a ideia de tempo linear, está presente na fala de boa parte dos relatos aqui destacados. A trama se dá como uma rede que conecta as dimensões de temporalidade e que encara o futuro como um fechamento de ciclo. E a presença das narrativas se mostra tão latente nas projeções desses jovens, que podemos sentir uma atmosfera de frustração em algumas falas, como se o futuro já tivesse sido delimitado pelos eventos que se desenrolaram ainda no início de suas vidas.

A dificuldade que enfrentam em projetar futuros se dá também a partir da sua condição de início da juventude. O esgarçamento ou a compressão das dimensões do tempo é um exercício reflexivo, que se refina enquanto é experimentado, e grande parte dessa tarefa está contida nas vias que são detectadas no hoje. Leccardi aponta a imprevisibilidade dos acontecimentos do presente como oportunidades de se inventar enquanto caminha:

Concluindo: em uma época na qual o futuro a médio e longo prazos não pode ser discutido sem suscitar preocupações e, com frequência, um sentimento de verdadeiro temor, um método de ação baseado no “avaliar a cada vez”, no “quando as portas se abrem para mim devo procurar não fechá-las”, no “aproveitar as oportunidades no momento em que aparecem”, pode representar uma estratégia racional para transformar a imprevisibilidade em uma chance de vida, para transformar a opacidade do futuro em uma oportunidade para o presente, para dispor-se positivamente diante do futuro (LECCARDI, 2005, p.53).

As preocupações em relação ao futuro não estão todas contidas nas fórmulas preparadas pelas gerações anteriores as de nossos jovens, visto que os próprios desafios do seu presente se vestem com outras roupagens. As possibilidades ou limitações do presente passam a achatar as distâncias temporais, e isso não se define como algo necessariamente negativo, estamos diante das múltiplas formas de encarar o que vem depois. A juventude como um ‘lapso de tempo’, um período de pura preparação para o futuro, não cabe mais nessa determinação. A dimensão da presença se infla para esses jovens, os pequenos passos de cada experimentação geram ou limitam os pequenos passos seguintes. A mudança não se dá numa esfera grandiosa, e não se pode ver numa perspectiva de distanciamento e análise sistemática.

A mudança ocorre nas sutilezas das presenças

cotidianas, nas partículas que minam dos eventos sem importância histórica.

Os grandes acontecimentos, com toda relevância que contém, não dão conta da aproximação necessária para mirar as insignificâncias do que acontece todos os dias nas vidas desses jovens. E quanto mais a gente se aproxima, mais as redes se ramificam, daí se tornam evidentes e ao mesmo tempo fugidias as formas de ver e de ser dos jovens que costuram o presente com suas presenças.

Referências:

LECCARDI, Carmem. Por um novo significado do futuro. Mudança social, jovens e tempo. Tradução Norberto Luiz Guarinello. **Tempo Social**, São Paulo, v.17, n.2, 2005. Revista de Sociologia da USP

MANNHEIM, Karl. “O problema da juventude na sociedade moderna”. In: BRITTO, Sulamita de. (Org.). **Sociologia da juventude**. Vol. I, Rio de Janeiro: Zahar, 1968, p. 69-93.

MANNHEIM, Karl. “O problema sociológico das gerações”. In: FORACCHI, Marialice M. (Org.). **Mannheim**, n. 25, São Paulo: Ática, 1982, p. 67-95(Col. Os Grandes Cientistas Sociais).

MELUCCI, Alberto. **Juventude, tempo e movimentos sociais: Juventude e Contemporaneidade**. Brasília: UNESCO, MEC, ANPEd, 2007. (Coleção Educação para todos v.16).

PAIS, José Machado. A juventude como fase de vida: dos ritos de passagem aos ritos de impasse. **Saude Soc.** (online), 2009, vol. 18/n. 3, p.p. 371-381.

PAIS, José Machado. **Ganchos, tachos e biscates: Jovens, trabalho e futuro**. Edições Machado, 2016.